

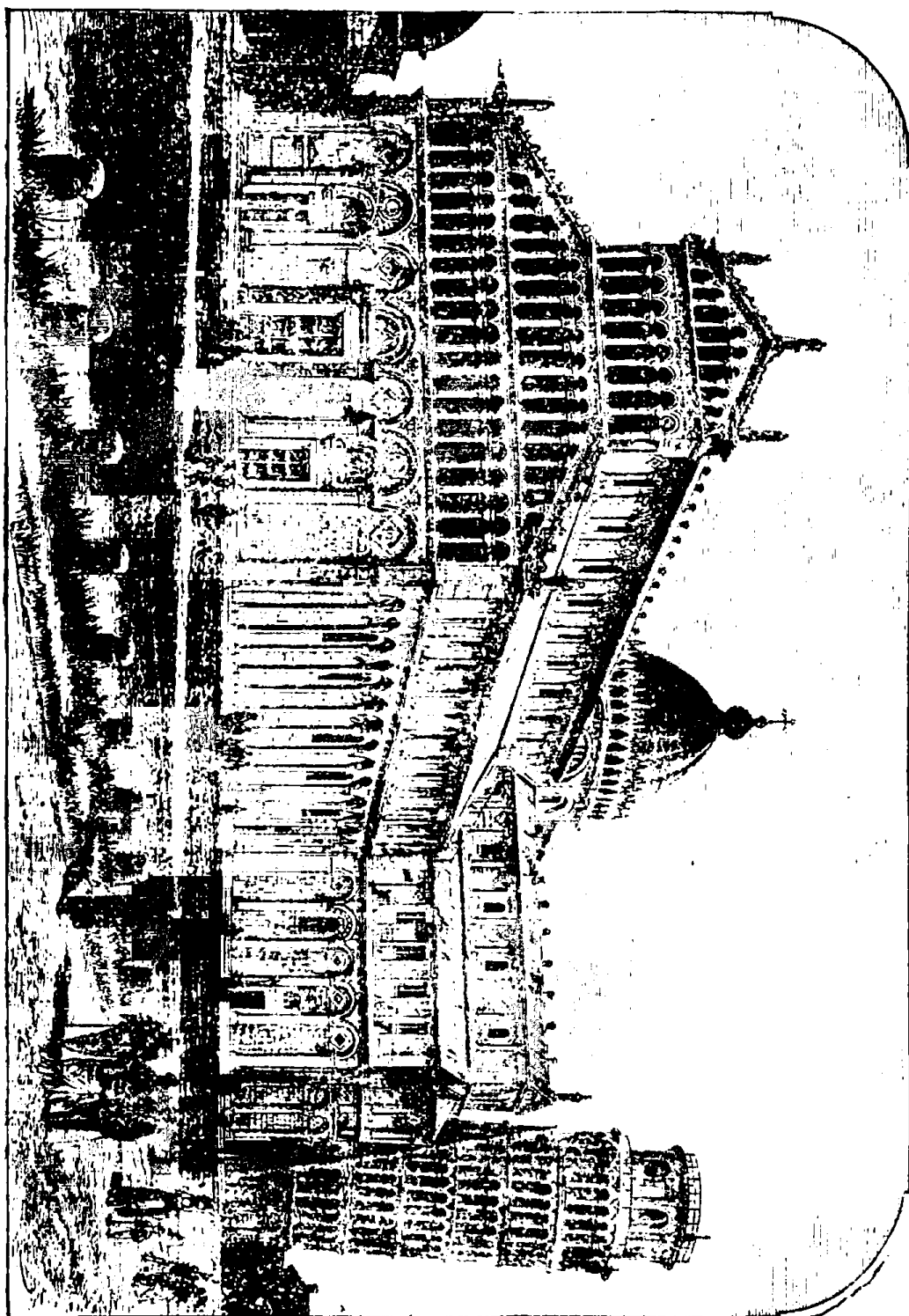
O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umphae Ecclesiae... in Christo Jesu.
ID 13. 14.



A CATHEDRAL DE PIZA, NA ITALIA.

A memoria do Padre Carlos Rademaker

JA não existe na terra o P.º Carlos Rademaker, o amigo da humanidade, e incançável trabalhador, a intelligencia mais robusta de quantas Portugal tem crendo no ultimo meio seculo!

Morreu, mas morreu como os heroes, hasteando a cruz, proclamando as verdades eternas do christianismo de que era apostolo, e dos mais dedicados!

Como o roble da floresta, cujas raizes são minadas por terrível parasita, mas que se ostenta ainda desafiando as nuvens, o P.º Rademaker, com a saúde deterioradissima, era ainda o roble frondente em meio da eloquencia sagrada do nosso paiz, e foi do pulpito que elle tombou para o leito da dor e d'ahi para a eterna bemaventurança, onde hoje fruirá as recompensas do seu constante labutar.

Não o choremos; pranteemos-nos a nós, que o perdemos e offertemos-lhe as nossas preces em troca do muito bem que elle espalhou na sua passagem por este valle de lagrimas.

Nascera o P.º Carlos Rademaker em Lisbon em 1828 no dia 1 de Junho, sendo seus paes o conselheiro José Basilio Rademaker e D. Carlota João Verdier, representantes de familias distinctissimas.

Poucos annos depois do seu nascimento foi o pequeno Carlos para Turim, em companhia de toda a familia, por haver sido nomeado pelo governo do Sr. D. Miguel, ministro d'aquella corte o conselheiro Rademaker, que alli se conservou depois da queda do governo que o nomeára, por não querer reconhecer o governo da Sr.ª D. Maria II.

Durante a sua estada no Piemonte fez Rademaker os seus primeiros estudos e tomou o grau de bacharel em direito civil e canonico na universidade de Turim.

Não esqueçamos que a primeira instrucção litteraria a recebeu Rademaker n'um collegio de Jesuitas, onde aprendeu latim, francez, inglez, italiano, grego e hebraico, tornando-se perfeito conhecedor de todas estas linguas. Na Universidade alcançou os mais brillantes diplomas, e em todos os attestados obtidos mos-

trou aquelle estabelecimento scientifico o quanto Rademaker se elevava acima de seus condiscipulos.

Apesar de abandonar a patria em mui verdes annos eram fundas as saudades que tinha pela terra que lhe foi berço, e grande foi a sua alegria quando em 1848 voltou para Portugal em companhia de seus paes e de seu irmão o P.º Daniel Rademaker, fallecido ha poucos annos, e uma irmã.

Os seus desejos inclinavam-se para o sacerdocio, ainda que o pae quizesse antes dar-lhe outro estado, pensando até em casal-o, sendo baldados todos os esforços, porque Carlos Rademaker sentia uma vocação decidida para a vida ecclesiastica. No dia 29 de setembro de 1852, contando 24 annos, celebrou o P.º Rademaker a sua primeira missa na igreja dos *Inglezinhos*, a que assistiu toda a sua familia, um concurso immenso de pessoas distinctas e o Cardeal di Pietro, então nuncio de S. Santidade em Lisbon.

Depois foi Secretario do Sr. Nuncio, e em seguida notario apostolico, em que permaneceu até 1856, epocha em que o colera invadiu Lisbon. Então o P.º Rademaker appareceu em meio da cidade consternada, já nos hospitaes afrontando a morte, já levando o conforto da religião a todas as casas onde a terrível molestia alastrava seus horrorosos effeitos. Foi então que o P.º Carlos mostrou a caridade da sua grande alma.

Ao ser atacado do colera seu pae, o P.º Carlos colocou-se á cabeceira do seu leito e, como ministro da religião de Jesus Christo assistiu-lhe até ao ultimo momento. A's 8 horas da noite de 21 de julho o conselheiro Rademaker voou á eternidade.

A este golpe juntou-se pouco depois outro que muito magoára o coração do joven sacerdote. Sua irmã voava tambem ao céu. Então sahio da Nunciatura, e, com a fortuna que herdára de seu pae, e como ardia em zelo e caridade christã quiz empregar os seus haveres em bem da miseria.

Alugou uma casa no largo da Paschoa e fundou um collegio com o nome de—*Instituto de caridade para educação de meninos pobres* onde eram recebidas todas as crianças com attestado

de pobreza. Aqui a obra do *Jesuita ambicioso*!

Depois comprou a casa de Campolide onde lançou os alicerces da casa mais esplendidamente grande para a educação que se tem fundado em Portugal n'este seculo. E tanto cresceu a fama d'este collegio que foi necessario fundar outro. Perto de Torres Novas, no Barro, ergueu o P.º Rademaker outro collegio, que ahi está para attestar o quanto pode a vontade de um homem dedicado ao bem.

Em 1859 perdia a mãe, em 1860 e 61 pregava as conferencias na Encarnação em Lisboa, as quaes são comparadas com as de *Notre Dame*, do P.º Felix. Em 1862 dirigia-se a Roma, onde esteve até 1864, maravilhando as altas dignidades da Igreja com a sua funda eloquencia.

O grande orador pregava em Hespanha em puro castelhano, e por toda a parte deixava um rasto da sua passagem. A associação das Filhas de Maria é obra sua, e bastava isso para o immortalisar; mas o P.º Rademaker fez mais, porque foi um verdadeiro apostolo. Todas as terras de Portugal ficam herdeiras d'algum bem por elle offerlado, e as letras patrias ficam enriquecidas com varias obras suas.

Era um genio alegre, parecendo communicar a todos com quem fallava a sua alegria, o que experimentamos sempre que tínhamos a felicidade de tratar com elle.

O seu ultimo sermão pregara-o em Guimarães ou antes principiara-o, porque em meio do discurso foi levado do pulpito, e foi esse o ultimo dia que o viramos.

O *Progresso Catholico* deve muito a esse astro que acaba de apagar-se. Foi sempre leitor em qualquer terra que estivesse, e por vezes o illustrou com seus escriptos. Ha pouco dizia-nos:—

O nosso «Progresso» ha-de chegar a ser o que são os mais notaveis periodicos catholicos do estrangeiro, porque se sabe conservar no melhor dos campos. Façam porque elle assim se conserve que muito lhe ha-de dever o nosso paiz.

No dia 6 de junho morria no seu collegio de Campolide, rodeado de todos os companheiros, resignado com a vontade do Altissimo, abraçado á cruz que tanto amou.

Ahi fica mal esboçado o quadro da vida d'esse grande homem, o maior que tem visto Portugal n'este seculo porque depois do arrazamento quasi geral de todo o progresso intellectual do nosso paiz, elle só, lançou os fundamentos para o grande edificio da civilisação onde tem de crear-se e robustecer-se as intelligencias. Não fosse o P.^r Rademaker com o seu trabalho, com o seu ouro, com a sua fé, com a sua caridade, e Portugal estaria ainda hoje no mesmo estado selvagem em que o deixaram os barbaros que em nome da liberdade o fizeram recuar um seculo.

Que a paz do Senhor seja no seu espirito e que as orações de todos os nossos leitores cheguem ao céo como suffragio por sua alma são os desejos da

Redacção.

SECÇÃO RELIGIOSA

Lourdes

LOURDES! Qual é o coração que não pulsa jubiloso ao ouvir esta palavra?

A Europa, abalada pelos erros da Reforma, eivada do philosophismo da *Encyclopedia*, desorientada pelas theorias atheissimas e ultraliberrimas do seculo actual, pendia para o paganismo, com a rapidez da rocha de Sisypho, quando uma voz se fez ouvir em Massabielle, dizendo a uma pobre pastorinha:

EU SOU A IMMACULADA CONCEIÇÃO, e de repente a Europa sustem-se, o mundo excita-se, a Fé, que parecia soltar os ultimos reverberos, resplende, de novo, fulgentissima no coração de milhões de crentes.

Aquella só palavra das margens do Gave, eccou mais potente nos angulos da terra, que todas as phrazes campanudas, desde Voltaire até o mycrosopico manualista sr. Paulo Bert.

Querem saber os leitores? Vejamos rapidamente os successos dos ultimos tempos consignados nos annaes de Lourdes:

Alem dos padres da Immaculada Conceição, a quem está confiado o culto da Basilica onde pregam todos os sabbados, domingos e dias santificados, fizeram-se ouvir n'aquelle sanctuario abençoado, durante os ultimos dōze mezes 157 oradores que alli foram em peregrina-

ção, contando-se entre elles 12 prelados. Como peregrinos, foram muitos os bispos e arcebispos não só da França, mas tambem Mons. Ridel (de Philippopolis), Mons. Laey (de Midlesbrough — Inglaterra), D. Antonio Medeiros (bispo de Termopylas ⁽¹⁾), D. Juan Bosque (bispo de La Paz, Bolivia), D. Antonio de Macedo Costa (bispo do Pará), Gonzalo Camilla (bispo de Lystra), Alphonse de Vos (bispo d'Abdère, Mongolia occidental).

O povo, de todas as partes do mundo, afflue continuamente áquelle oasis celestial, como a um manancial fecundo de todas as graças. E ao dizermos *povo*, não vá entender alguém, que só nos referimos á classe menos illustrada, (embora, aclamada soberana por certoslouvaminheiros sem sciencia nem consciencia), não, senhores; pois entre os que levantam as mãos para a Virgem, victoriando-a como Rainha do céo e da terra, lá se viam o illustre senador Chesnelong e os srs. duque de Nemours, duque e duqueza de Norfolk, lord Charles Hamilton-Douglas, filho do duque de Hamilton e da princeza Maria de Bade, Mons. Stackpole, Prelado domestico de Sua Santidade, etc., etc.

Quem tem coração christão vai a Lourdes para alli o ver innundado pelo ante-gosto dos balsamos celestiaes.

Quem sente as afflicções choverem-lhe n'alma com a pertinacia de uma tempestade que não quer findar, vai em peregrinação a Lourdes e ao litar os olhos na imagem santa, erecta na anfractuosidade visitada dezoito vezes pela Virgem Immaculada, vê que as nuvens se desfazem, o céo serena-se, e soa a hora da consoladora calmaria.

Quem, fóra da Egreja, recêa não ser firme a doutrina oscillatoria a que tem consagrado as vigílias, vem a Lourdes, e vendo empallidecerem, sumirem-se, apagarem-se os tenues archotes porque se guiara, perante o fulgor zenithal da crença do Catholicismo, deixa a vaza diluvial em que se volvia, e sóbe á Barca de Pedro, onde não mais o saltêam sustos de baixios ou restingas.

Quem se sente alquebral-o a paralyia, cerrar-lhe os ouvidos a surdez, entenebrece-lhe os olhos a cegueira, aquecido pelo influxo da Fé eleva o pensamento á Virgem de Lourdes, banha-se n'aquella agua que tem enchido o mundo de maravilhas, e o que era paralytico põe-

se em movimento, o que era cego abre os olhos á luz, o que era prisioneiro da doença, arremessa para longe as cadeias espedaçadas por Aquella a quem com razão chamamos a *Salus infirmorum*.

Agora—é o ministro protestante d'uma florescente missão japoneza, que entrando em Lourdes, sente deslumbra-lo a Verdade, e abjura seus erros, em 25 de março de 84, nas mãos de Mons. Langémieux, arcebispo de Reims, trazendo mais tarde ao gremio do catholicismo um seu discípulo japonez, que havia mandado cursar a universidade de Oxford ⁽²⁾. Depois—é Mons. Ridel, apostolo da Corêa, que n'aquelle amphitheatro de martyres achando-se entre o perigo de ser engolido pelo mar ou cahir nas mãos de seus inimigos, implora a égide da Virgem de Lourdes e vê-se milagrosamente salvo ⁽³⁾.

Segue-se um missionario do Cantão, que sendo, em companhia de tres christãos, accommettido por uma horda de salteadores, que atiraram á queima-roupa, prostra-se de joelhos, implora a Virgem de Lourdes, e vê affastarem-se os bandidos (coisa inerivel ⁽⁴⁾) sem deixarem ninguém ferido, nem voltarem ao ataque ⁽⁵⁾.

Na peninsula de Malaca Miss. Carlota de Sousa (portugueza provavelmente) soffria ha muito tempo d'um eczêma de ruim caracter, que lhe esfacelava o pé direito, desprendendo-se-lhe já pedaços de carne. Inutilmente, seu irmão, doutor em medicina, coadjuvado por quatro collegas distinctos, envidava esforços para rebater a molestia, que podêra dizer-se uma lepra em começo (un diminutif de la lèpre).

Angustiada Miss Carlota pela deficiência da therapeutica, volveu sua confiança para o centro da Omnisciencia, e implorou a cura por intermedio de Nossa Senhora de Lourdes, começando uma novena acompanhada de loções da agua miraculosa, e ao cabo de nove dias viu desapparecida a chaga, restand apenas no lugar d'ella a alvura do tecido cicatricial. ⁽⁶⁾

Paremos. O curto espaço do nosso quinzenario veda-nos transcrever para aqui todas as maravilhas de que vemos a impar os Annaes—Diminuimos comtudo o nosso desprazer aconselhando aos leitores a assignatura d'elles, que lhes

(1) Annales de Notre Dame de Lourdes. Fevreiro de 85.

(2) Ibid.

(3) Ibid.

(4) Ibid.

(5) Voltou a passar em Lourdes, em fevreiro ultimo, ja nomeado bispo de Meau.

importa na modica somma de sete centos réis (*) podendo assim facilmente, enlearem-se a miudo nas manifestações da affabilidade e munificencia d'Aquella, cujo nome foi confiado entre sorrisos, não a um doutor, a um theologo, a um pontifice, mas á pobre, á inferma, á pequenina Bernardette, em 25 de março de 1858. n'um lugar insignificante e obscuro dos Pyreneos, chamado Rochas de Massabielle.

E. G.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a razão

(Continuado do n.º antecedente)

IV

A religião revelada

Deus revelou ao homem os preceitos naturaes.—Lei revelada.—Lei escripta.—Lei da graça.—Causas que desfiguraram a revelação.—Sophismas dos incredulos contra a revelação.—Os seus argumentos provam a necessidade da revelação.—Revelações humanas.—Falsas instrucções.—Os principios revelados são invariaveis. Existencia da revelação

NA no homem certo instincto que lhe revela necessariamente a existencia d'um Ser mais poderoso e auctor de toda a criação. Este sentimento sublime nasce de uma inspiração sobrenatural. Mas desconhecendo o culto verdadeiro com que deve honrar a Deus, poderá o homem aprendel-o nas maravilhas da natureza? Poderá descobrir verdade tão importante com as forças e luzes da sua razão?... As obras da criação só demonstram a existencia do Creador Onnipotente; mas uma larga experiencia ensinanos, sem a menor duvida, quanto é difficil á razão humana attingir com as suas luzes naturaes o conhecimento exacto de todos os dogmas revelados.

Deus revelou ao primeiro homem idéas claras a respeito dos attributos divinos, do culto verdadeiro e das leis moraes necessarias para constituir o em sociedade, porque esta revelação era precisa para ficar perfeita a maravilhosa obra saida de Suas mãos. Impoz a todos os séres da criação leis de rigoroso e invariavel cumprimento; e se no mundo physico elle faz observar a ordem perfeita que

admiramos, será crível que não tivesse o mesmo cuidado com a especie humana, não lhe revelando leis moraes que regulassem as suas acções? Pôde comprehender-se tão grande harmonia na ordem physica, e na ordem moral tão grande desconcerto? A revelação é consequencia necessaria do perfeito regulamento que dirige o universo, pois o Creador não pôde occultar á primeira e mais nobre das Suas creaturas o ensino indispensavel para lhe inspirar sentimentos de virtude levantados o sublimes.

Esta lei revelada ao primeiro homem, que muitos seculos depois o povo hebreu recebera *escripta* nas taboas religiosamente conservadas na arca sancta, foi chamada *lei da graça* quando a divina palavra de Jesus a expoz ao mundo sem as sombras e figuras que a escureceram no tempo decorrido desde a sua primeira annunciação; lei de admiravel perfeição como os legisladores mais sabios e eminentes nunca poderam projectar e promulgar; moral sublime revelada ao homem para lhe ensinar os deveres que o unem em estreito laço com os seus semelhantes e o relacionam com Deus.

E' esta aquella sciencia professada pelo povo escolhido muito tempo antes de começar a formar-se a philosophia grega (1).

Onde estudou Tales a sua theoria sobre a unidade de Deus, Creador do universo?

Em que moral aprendeu Hesiodo a reprovar o adulterio, o furto e o perjurio?

Quem inspirou a Homero a sua bellissima pintura da ilha *dos heremaventurados* e a descripção aterradora das *regiões do averno*?

Não estão revelando a sua mosaica origem os fragmentos que se puderam conservar da legislação de Minos?

Qual foi a razão do culto secreto do Pythagoras?...

Os poetas gregos referem o diluvio universal alguns seculos depois do tempo em que Moysés fixou este successo, e contam a repovoação do globo por Deucalião e Pyrrha, que no cume do Parnaso salvaram suas vidas de tão grande inundação (2).

E' indubitavel que aquelles legisladores philosophos e historiadores conheciam os escriptos do caudilho

(1) Tales, chamado o pai e fundador da philosophia grega, floresceu pelos annos 3370 da criação; por conseguinte em todo este tempo a sublime philosophia da revelação era observada por aquelles que tinham conservado as suas tradições patriarchaes.

(2) A arca de Noé encaihou no cume d'um monte da Armenia.

hebreu e que n'elles encontraram a base e fundamento da sua historia, da sua philosophia e das suas leis (1).

Conta nos a historia que os descendentes do Noé se estabeleceram nas planicies ferteis e deliciosas da Asia central, posteriormente abandonadas pelas tribus de Cam e Jafet.

A extraordinaria multiplicação de homens e de gados exigia de anno para anno o augmento de terrenos, e d'este modo se foi occupando todo aquelle paiz até que as mesmas causas produziram a emigração humana pelos continentes da terra.

Os erros e superstições d'aquellas raças que se preverteram, desfiguraram a santa tradição do culto verdadeiro. Mas a religião de Noé foi conservada com osmero pelos descendentes de Sem, seu primogenito. Abraham passou o Euphrates para trasladar a sua tribo para a terra de Canaan, que Jacob depois abandonou estabelecendo-se no Egypto, residencia dos seus descendentes a Hebreus durante largo tempo.

O conhecimento de algumas verdades reveladas que as nações da Asia conservaram entre os supersticiosos ritos do seu paganismo, pôde vir-lhes da tradição, ou antes das suas frequentes relações com o povo Hebreu: a verdadeira luz resplandecia ainda que volada pela escuridade d'aquelles symbolos phantasticos, que *confundiram o Ser multiplicando as divindades* (2).

Os incredulos combatem a revelação suppondo que os beneficios d'ella foram privativos d'um escasso numero de homens, e crêem de irresistivel força este argumento pouco meditado, que temos a cargo para demonstrar a sua falsidade.

A condição humana acostuma-se facilmente nos successos que vê repetirem-se com frequencia, o veria indifferente prodigalisarem-se as revelações como sem estranheza nem interesse algum observa a successão periodica das maravilhas naturaes.

Se a revelação divina fosse feita directamente a cada um dos individuos, seria inutil o principio de auctoridade que constitue as sociedades humanas: o homem abusaria da manifestação parcial que lhe fosse feita accommodando-a ao seu interesse e seria impossivel promulgar leis assás rigorosas para uma sociedade de illuminados.

O Creador mais sabio e providente que as suas creaturas dispen-

(3) A importancia da assignatura pode ser enviada em vale do correio ao R. P. Superieur des Missionnaires de l'Immaculée Conception a Lourdes [Antes Pyrenees] France

(1) Os Gregos deveram tomar da historia de Jetho a sua lenda acerca do sacrificio de Ifigenia, e as faccubas de Hercules dos successos de Sansão
(2) Cantu.

sara as revelações tendo em conta a fraqueza humana.

A nossos primeiros paes e aos santos patriarchas manifestou-se frequentemente; manifestou-se no Sinai ao numeroso povo hebreu, a quem guiou no deserto e milagrosamente sustentou largo tempo; aos prophetas inspirados revelou os seus vaticínios admiraveis, enviando finalmente Jesus Christo para ensinar ao mundo o seu Evangelho, luz divina que nós os catholicos conservamos pela auctoridade infallivel do Pontifice romano e dos prelados da Egreja.

Foram publicos os prodigios, a resurreição e a Ascensão ao céu do nosso divino Redemptor, foram tão publicas como solemnes estas manifestações que Deus fez da sua omnipotencia e da sua gloria; revelação de que participam os catholicos frequentemente nas suas orações e no mysterio sacrosanto da adoravel Eucharistia.

Que maior publicidade pôde exigir-se?

Esta revelação, que foi *immediata* para muitos homens e *mediata* para os restantes, tem conservado entre aquelles que a observam a santa unidade nas suas crenças, no seu culto e na sua moral.

Os povos que se abandonaram ao seu fallivel raciocinio, á sua intelligencia corrompida pelo vicio e ao racionalismo soberbo e atrevido, trem abusado do *libre arbitrio* apartando-se da revelação para incorrer torpe e lastimosamente em erroneas, absurdas e sanguinarias invenções: e a mesma variedade de ritos, uns extravagantes e pueris, outros ferozes e cruéis, e todos torpes e immoraes, não está revelando á razão menos experiente o seu infeliz desvario no labyrintho das falsas religiões?

(Continúa)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

SECÇÃO HISTORICA

Seminario de S. Patricio da cidade de Lisboa

(Copia d'um documento do seculo XVII) (*)

ESTE seminario de S. Patricio da cidade de Lisboa foi fundado com esmolas dos Snrs. Reis de Portugal, e de outras pessoas pias e zelosas da conservação da Fé Catholica Romana, para n'elle se crearem, e instruirem nas letras, e virtu-

des christãs, mancebos Irlandezes, para que acabados seus estudos, e feitos sacerdotes voltem para a Irlanda a ajudar os seus naturaes na conservação da Fé e obediencia á Sé Apostolica e lhes administrarem os sacramentos, prégando-lhes e doutrinando-os, e sendo n'estes sagrados ministerios coadjutores fieis dos Snrs. Bispos, que lá residem ou publica, ou encubertamente; os quaes d'elles se aproveitam, assim porque vão de cá bem instruidos na Sagrada Theologia moral e especulativa como tambem por haver lá muita falta de parochos pela perseguição continua dos hereges, os quaes não consentem que lá haja estudos catholicos, nem que os Irlandezes mandem seus filhos estudar fóra de Irlanda; como n'estes tempos presentes tem prohibido com gravissimas penas, e confiscação de todos seus bens.

E não obstante todos estes damnos e perigos, n'este presente anno de 1697, foram d'este seminario para Irlanda cinco sacerdotes, e o anno passado foi outro, offerecidos a todos os perigos, e a dar a vida, sendo necessario, por ajudar aos seus naturaes, e defender a Fé Catholica que a tudo isto se obrigam por juramento que fazem quando são admittidos por collegiaes do seminario. Assim o fazem agora, e assim o fizeram sempre: porque em todos os tempos atraz têm sabido d'este seminario homens muito grandes em letras e em virtudes, que padeceram muito pela Fé, e a illustração em Irlanda com o bom exemplo de sua vida, e doutrina, e com os grandes postos que occuparam em beneficio da Egreja, e grande confiança que d'elles fez a Sé Apostolica, como foram entre outros o Ill.^{mo} Snr. D. Thomaz Valerio, Arcebispo de Cassell, e Primaz de ambas as *Momonias*; o Ill.^{mo} Snr. D. Francisco Kirevano, Bispo Ailandense; o Ill.^{mo} Snr. D. João Boork, Arcebispo de Tuemonte; o Ill.^{mo} Snr. D. Roque Macmahon, Bispo de Kildare; o Ill.^{mo} Snr. D. Gualtero Lynch, Bispo Clonfertense, o Ill.^{mo} Snr. D. Patricio Comorford, Bispo de Waterfordia e Lysmore; o Ill.^{mo} Snr. D. Pedro Talbot, Arcebispo de Dublin, que ha poucos annos morreu preso nos carcerees de Londres pela Fé; e o Ill.^{mo} Snr. D. Patricio, Rossel, tambem Arcebispo de Dublin, e tambem preso em Londres pela mesma causa: todos estes e outros muitos que não chegaram á nossa noticia foram collegiaes d'este seminario e aqui beberam as luzes e o espirito com que depois em Irlanda illuminaram aos afflictoes Irlandezes e os conservaram na fé.

Por este grande fructo, que os collegiaes Irlandezes fazem em sua patria, e pelo muito que lá servem á Egreja

Catholica, desprezando os perigos continuos de andarem entre hereges inimigos jurados de todos os catholicos romanos principalmente dos ecclesiasticos, são dignos de que os Summos Pontifices os favoreçam com privilegios e Graças Apostolicas, conducentes á missão de Irlanda, para que se criam nos seminarios, e que vão fazer acabados seus estudos.

E movido d'estas razões, o Papa Urbano VIII, no anno de 1623, primeiro do seu Pontificado, concedeu por Breve seu a todos os reitores de seminarios de Irlandezes, que lhes possam dar reverendas para tomarem todas as Ordens Sacras com qualquer bispo catholico, *non servatis interstitiis et tribus Dominicis vel festis diebus continuis*, etc.

E isto por haverem de ir por missionarios á Irlanda, como diz o mesmo Breve, *ibi Absque aliquo titulo beneficii Ecclesiastici, vel patrimonii, set ad titulum missionis in Hiberniam tum etiam extra tempora ad id a jure statuta, ac intra annum annique curriculae minime expectato, minus que servatis ad id à Concilio Tridentino designatis interstitiis*, etc.

O qual Breve foi aceito e approvado em juizo contradictorio na Relação Ecclesiastica d'esta corte de Lisboa, e mandado executar pelo Snr. Arcebispo no anno de 1627 em 7 de agosto, e desde então para cá se tem sempre praticado sem controversia.

Por estas mesmas razões de serem muito necessarios missionarios e parochos em Irlanda, fez graça a Sé Apostolica aos Snrs. Bispos de Irlanda para poderem dispensar com os ordinandos *in defectu aetatis* como traz o Padre Richardo Ardekin na sua theologia tripartita fs. 2.—parte 2. tr. 2 C. 3 § 2. n. 27.

Esta graça com mais forcosa razão se deve conceder aos reitores d'este collegio para com os seus collegiaes Irlandezes, 1.º porque vão por missionarios á Irlanda, e obrigados com juramento a se empregarem toda a vida a esta missão (ainda que seja com perigo de dar o sangue pela Fé) n'aquella parte ou Provincia, que lhes assignar o reitor d'este collegio, ou quem as suas vezes fizer em Irlanda, como consta dos juramentos que fazem quando são admittidos aqui por collegiaes. §. *Ego N. §. Postremo promitto*.

E esta obrigação e condignidade não tem os que lá ordenam os Bispos em Irlanda.

2.º — Porque estes collegiaes são mais uteis ao bem das almas em Irlanda, do que os que lá se ordenam: porque vão de cá bem instruidos nas sciencias de Philosophia e Theologia, na moral, na doutrina christã, nos

ritos e ceremonias da Egreja Romana, e nos mais requisitos para serem bons parochos e dignos operarios da vinha do Senhor.

O que ordinariamente não têm os que lá se ordenam, por não terem lá estudos catholicos.

3.º — Porque importa muito, para lá serem bons operarios, que vão de cá bem exercitados e correntes nos ritos e ceremonias da missa, officios divinos, e horas canonicas, porque lá, (como andam entre hereges, e sempre escondidos e medrosos, nem tem facilmente sacerdotes, com que publica e livremente communicuem, não as podem aprender.

Succede pois, não poucas vezes, acabarem os collegiaes os seus estudos sem terem idade para poderem tomar ordens, ou tomarem as ordens tão proximos ao tempo em que hão-de partir para Irlanda, que não lhes fica tempo bastante para se instruirem completamente nas obrigações e ministerios do sacerdocio. E n'estes casos bem se deixa ver que é conveniente, e muito util á missão de Irlanda, terem os reitores d'este collegio privilegio para dispensarem com elles in *supplemento actatis*.

Além do que n'este papel veridicamente se aponta ajudam tambem muito a este intento as outras razões que se allegam no memorial que se fez a Sua Santidade para nos conceder esta graça: entre as quaes, é uma (e não de pouco momento) haver n'este collegio (além de outras missas avulsas que passam de oitenta) seis capellarias de missa quotidiana, as quaes, não havendo collegiaes sacerdotes que as digam é o collegio obrigado a mandalas dizer por sacerdotes de fóra, pagando-lhes o estipendio, e se se gastarem n'estes estipendios as rendas do collegio, necessariamente ha de haver menos collegiaes com grande damno e diminuição da missão de Irlanda.

E n'este presente anno se vê claramente este inconveniente, em que este collegio fica sem nem um sacerdote Irlandez, e os collegiaes que estudam Theologia, são de tão pouca idade que só podem tomar ordens no fim da Theologia, quando as tiverem muito perto a partirem para Irlanda.

Segundo o abbade de Castro na sua *Memoria Historica sobre a fundação e instituição do Real Collegio da invocação de Nossa Senhora da Conceição do Patriarchado de Lisboa estabelecido na Villa de Santarem desde o anno de 1780*, publicada n'esta capital em 1858, o collegio de S. Patricio de Irlandezes, sito na calçada chamada de S. Christim e antiga parochia de

S. Mamede, hoje de S. Christovão, foi fundado por Antonio Fernandes Ilhmenes, em 1593, o qual n'elle instituiu uma cadeira de Theologia Moral, deixando rendas sufficientes aos religiosos carmelitas descalços para este ministerio; porém os Padres da Companhia de Jesus lhe compraram todo o direito, que a elle tinham e tomaram posse no anno de 1605.

Desde 1780 ficou o collegio sujeito á Meza da Consciencia e Ordens: propriedade dos padres Irlandezes do Corpo Santo d'esta capital.

N'este collegio, fundou o fallecido Padre Raymundo dos Anjos Beirão a santa congregação das Irmãs Hospitaleiras Portuguezas que tantos beneficios tem prestado á Egreja e ao Estado.

D'alli saiu a referida congregação em 1878 para ir habitar o extinto convento das Trinas de Mocambo que lhe foi cedido pelo governo.

No anno findo estabeleceu-se no mesmo collegio por iniciativa d'uma dama illustre pelas suas virtudes uma congregação das Pequenas Irmãs dos Pobres, d'origem franceza, a qual tem sido mui bem recebida por todos os habitantes da capital.

Lisboa, maio de 1885.

Des. Alfredo Elcira dos Santos.

SECÇÃO CRITICA

O Porto liberal

Não quer nem pôde perder os seus foros de *baluarte da liberdade* de a segunda cidade d'este nosso malfadado paiz. Depois de desoito seculos de civilisação ainda se repetem as scenas canibalescas dos tempos em que o mais feroz despotismo imperava, em que a vida do homem dependia da vontade do primeiro tyranno que se lembrasse dar um festim a seus escravos, arregoando a terra com o sangue d'um homem, creado por Deus á sua imagem e semelhança.

Ainda não pôde ter ecco na consciencia das turbas, que a Revolução levára a praticar os mais revoltantes crimes ha meio seculo, a voz, que desoito seculos tem repetido, soltada por Jesus Christo na esplanada do Calvario, ensinando a liberdade, a igualdade e a fraternidade. O machado com que os filhos da Revolução e da tyrannia, arrombaram as portas dos conventos em 1834 foi erguido de novo em meio das ruas do Porto para

descarregar golpes desapiadados nas portas d'uma casa habitada pela virtude e pela abnegação, e o punhal que se apontou ao peito do frade nos corredores dos conventos, quando o grito medonho do liberalismo soou em Portugal, brilhou de novo ao sol da civilisação christã para ser cravado no seio da mulher fraca, da filha da caridade evangelica!

Repetiram-se as scenas de ha meio seculo, na mesma cidade e quasi com as mesmas medonhas circumstancias. Triste coincidência! Então, quando as turbas ignaras, revoltadas contra os frades e contra as venerandas tradições de um povo, se dirigiam medonhas contra o santuario e contra o asylo da paz e da sciencia, para tudo arrazar, eram capitaneados por um principe que descendia de principes que usavam orgulhosos o mais honroso titulo com que a Egreja tem galardoado os principes da christandade; agora essas turbas eram capitaneadas por um representante da ordem publica, por um homem a quem está confiada a honra, a fazenda, e a propriedade dos cidadãos!

Coincidencia digna de notar-se, e ao mesmo tempo miseria digna de lastima! Faltou que a festa se reservasse alguns dias mais, e que com ella se festejasse o dia 9 de julho, anniversario da entrada do *exercito libertador* na cidade da Virgem. Se essa coincidência se desse, então, filhos de Marat e Robespierre, teríeis merecido os applausos de todos aquelles que como vos, rastejam na arena dos mais vis e dos mais despreziveis escravos.

Existe no Porto, como todos nossos leitores sabem, uma casa chamada da Regeneração do Bom Pastor, parecida, se não igual a uma que existe em Braga. Dirigem esta casa, como a sabem dirigir as filhas do Evangelho, algumas religiosas, e a superiora é Irlandeza. Como do seu titulo se deprende recolhem-se n'esta casa mulheres arrependidas, e que almejam regenerar-se junto da Cruz. Santa instituição! esplendido rasgo de caridade e amor!

Mas não o entenderam assim os descendentes dos *libertadores* de Portugal, e por isso tiveram lugar as scenas que nos narra o nosso collega portuense — A *Palavra*, nos termos seguintes:

«Frederico Augusto Machado, guarda civil n.º 103, é casado, mas abandonou ha quinze annos sua legitima mulher para viver illegiti-

mamente com outra. Maria Marques da Silva, de quem tem cinco filhos. Parece que ha tempos o viver intimo dos dois amantes era pouco invejavel, e que o guarda civil, em vez de pão para mitigar a fome dos filhos e de sua concubina, distribuia a esta grossa pancadaria, que lhe tornava a vida amargurada. D'aqui desejos d'esta de se subtrahir á tutela do policia.

Maria Marques da Silva realisou o seu intento abandonando o seu amante e filhos. Este ao ter conhecimento do abandono, influenciado por outros ou deixando-se levar por seu espirito romanesco, sonhou que a sua amasia, para se subtrahir aos seus maus tratos, se fôra acoitar na Casa de Regeneração do Bom Pastor, que recebe mulheres de porte desregrado para as chamar ao bom caminho. Pois para onde havia d'ir a mulher, que não tinha recursos para alimentar-se, senão para aquella casa de caridade?

Convicto ou não convicto d'isto, dirigiu-se com seus filhos para a rua do Costa Cabral, a casa do sr. Torquato José Pereira, que julgára ser o influenciador de sua mulher o abandonar e o introductor d'ella na casa da Regeneração, e increpando-o d'estes factos, de que o sr. Torquato era innocente, como mais abaixo se verá, fez grande alarido, ao qual accorreu algum povo, que o policia acto continuo alliciou para ir atacar as Irmãs do Bom Pastor.

Uma certa massa de povo, inconsciente e sempre prompto para estas Marias Bernardas, principalmente quando lhe fallam em jesuitismo e irmãs de caridade, seguiu o *mantenedor* da ordem publica, e uma vez chegado defronte da casa de Regeneração, prorompeu em altos gritos, atirou-se de machado em punho, desorientado, ás portas, forçou uma, escalou o muro, quebrou vidros, e chegou a penetrar no quintal. Um monstruoso attentado d'invasão de propriedade alheia, punido severamente pelas nossas leis penaes!

Imagine-se da estupfacção d'aquellas boas senhoras ali moradoras, dedicadas por um rasgo de caridade a tratar das ulceras da sociedade, ao verem-se alvo d'uma scena tão selvagem da parte d'um povo que muito lhe deve, e que as devia respeitar, senão pela missão elevada a que se dedicaram, pelo menos como senhoras, a quem, em qualquer paiz medianamente civilisado, se trata com o respeito devido.

Assim tratadas sem saberem o motivo, fizeram as Irmãs do Bom

Pastor descer duas criadas e um criado por um muro, com a ajuda d'uma escada, a fim d'irem pedir auxilio á policia. O guarda civil 103, auctor d'este monstruoso attentado, que se dirigia para o quartel de S. Braz a fim de pedir auxilio á guarda municipal, encontrando no caminho as duas criadas e o criado da casa do Bom Pastor deulhes voz de presos (!!!) e fez que o acompanhassem (!!!). Como, porém, lhe fossem dizer não se sabe o quê, o 103 entregou os tres presos (!!!) a soldados da guarda municipal, mandando-os conduzir á esquadra da Fontinha. Não commentamos esta prisão arbitraria, commettida em pessoas pacificas, que se dirigiam a pedir o auxilio da auctoridade para pôr cobro a um acto vergonhoso, punido pelas leis do paiz; não perguntamos ao digno commissario geral de policia se o seu subordinado pedia, sem flagrante atropello da sua missão, fazer o que fez: deixamos a consciencia das pessoas sensatas a apreciação devida d'um tão escandaloso facto, que está pedindo severo correctivo para honra do corpo policial d'esta cidade.

Viu-se já um tal atropellamento dos direitos do cidadão, das leis, da moral, da dignidade de um povo?

E a final, a mulher, a concubina do policia, estava, como todas as mulheres da sua laia, n'uma taberna, onde o malandrão a encontrou a final!

Consta-nos que os individuos que tomaram parte na *festa* foram postos em liberdade e que ao *commandante da rusga* nada se fez, nem ao menos destituiu-o do lugar que occupa. Não nos admira.

Sabemos tambem que os ministros da Inglaterra, França e Austria vão pedir ao nosso governo uma reparação condigna ao insulto que ás tres nações se fizera, porque na casa do Bom Pastor estão subditos de todas as tres potencias, e então o negocio vae ser sério.

Mais uma vergonha te vae ruborizar as faces, crestadas pelo sol das batalhas, valente guerreiro, meu nobre Portugal! Mais uma desconsideração, mais uma nodoa arremessada ao teu brasão por filhos desnaturados, por essa cohorte que em nome da liberdade tyrannisa teus filhos mais dedicados.

Associamo-nos aos protestos e á indignação do nosso collega da *Palavra*, mas não concordamos com estas palavras, escriptas no seu n.º de 10 de junho:

«Quem fôr liberal não pôde deixar de unir-se-nos, porque os actos

que vituperamos são anti-liberaes, monstruosos attentados á legalidade, á justiça, á ordem.»

Discordamos n'esta parte com o collega. Como podem os liberaes unir-se á indignação da *Palavra*, se todos os actos dos liberaes em Portugal teem sido *monstruosos attentados á legalidade, á justiça, á ordem*? São anti-liberaes? Como? a que chama o collega liberalismo?

Não foi o liberalismo que espoliou os bens dos frades, que se apoderou dos bens das mitras, que se vae apoderando dos das freiras, collegiadas etc. etc.? Não foi o liberalismo que deixou morrer os frades á fome, que apedrejou as irmãs de caridade francezas, que insulta o Nuncio do Papa, que esbofeteia todos dias nas suas gazetas os Principes da Igreja, o clero em geral, e todos os dogmas e ensinamentos da Religião Catholica?

Se tem sido isto tudo praticado pelo liberalismo, como chama o collega ao escandalo, á desvergonha do dia, á actos anti-liberaes?

Que attentado á moral, aos bons costumes, aos brios d'esta nação nobilissima, se tem praticado fora da acção liberal? O collega bem o sabe que já o experimentou em casa.....

E desengane-se, collega, e perdê-nos se de encontro vamos ás suas crenças politicas, ou antes ao seu systema de pensar acerca do liberalismo. Para oppor ás demagogicas ondas da Revolução, não pôde achar dique em outra parte que no campo catholico; barreira para as demasias do liberalismo só a pôde formar com peitos onde se abrigue um coração verdadeiramente christão: peitos que se não envergonhem de ostentar a cruz; corações que só pulsem pelas glorias da Igreja, pelo bem da sociedade.

Chame os catholicos para junto de si, collega, e deixe os liberaes junto de Victor Hugo, contornando os que não creem em Deus, os que blasphemam dos dogmas da Igreja, os que não gostam da *Palavra*, apesar da sua boa vontade em ser-lhes agradável.

Elias de Sampaio.

Coisas! Coisas!

A morte de um *reneravel* de qualquer casta geringoneira é motivo sempre para o triste asnear dos irm., que, á maneira de besou-

ros desesperados, trepam acima de qualquer eminencia, ou, se assim o quizerem, como palhaços de *compañias* reles, sobem à mesa de qualquer botiquim de feira, e principiam a arengar às turbas estupidiadas pela revolução. E' um asnear desenfreado, immenso, pasmoso, horrivel!

Victor Hugo havia de dar aso às costumes truanices e arlequinadas. E deu. Firmado por Alberto Braga, publicou o *Occidente* a seguinte blasphemia:

«Deve ensinar-se às creancinhas a *Vida de Victor Hugo* com o mesmo amor religioso com que se lhes ensina a *Paixão de Jesus Christo*».

Ambos amaram fervorosamente a Humanidade, ambos por ella padeceram, e ambos morreram por ella!»

Esta pedantissima creatura leu acaso alguma vez a *Paixão de Jesus Christo*? Se a leu não a comprehendeu, porque, em caso contrario não seria tão crassa a sua ignorancia, não seria medonha a heresia.

Raspar se-hia elle de algum hospital de doudos? ou julgará os seu leitores um punhado de asnos?!

* * * No mesmo *Occidente* e firmado pelo padre politico, Antonio Candido, lia-se:

«O espirito humano está de lucto. Victor Hugo era, com toda a certeza, a maior culminação espirital da raça latina n'este seculo. Era verdadeiramente um genio, quero dizer, tinha a maior intelligencia que pôde existir n'um cerebro e a maior bondade que pôde mover-se n'um coração.»

Esta *candidissima* alma do snr. Antonio Candido onde se formaria? D'onde sahio este doutor — da Universidade ou de Rilhafoles?

O' snr. padre Antonio Candido. V. Rev.^{ma} nem ao menos por espirito de classe acha acima da de Victor Hugo a intelligencia do Padre Moigno? E o Padre Secki não se lhe avantajaria extraordinariamente?

Que miseravel *sabença* é esta do snr. Padre Candido!!

* * * Guerra Junqueiro, o amigo de bons livros, quando os pode levar das livrarias de aldeia, esse publicou um *sermão* nas columnas da *Provincia*, que de certo o *prégou* em algum templo consagrado ao deus que impunha o tyrso. O poeta da tasca e do lupanar disse cousas, disse, ... elle nem disse cousas, o que elle fez foi fallar de Victor Hugo.

E chamou ao velho mau, entre outros nomes lindos:

«Velho Hugo, meu santo e divino mestre

«Ah! eu sei perfeitamente, meu enorme poeta Todo Poderoso

«E é por isso que eu acho perfeita-

mente digno que o teu cadaver entre para a eternidade por um arco de triumpho, e que seja necessario desalojar um Deus para o alojar a elle.»

Ora um individuo da raça do Junqueiro, se pinoteasse e zurrasse à sua vontade no eirado d'alguma casa sertaneja, não faria mal, e estava no seu direito; mas apparecer-nos assim, trazido à redea pelas *Provincias*, a passear pelos povoados é atroz, estúpido, barbaro, selvagem.

E depois, *Primeiro de Janeiro*, tomou tambem o rinchado animal e levou-o onde o não pôde mostrar o seu collega *Provincias*. E ao zurrar do bicho chamou-lhe um *prodigioso hymno em prosa*! E conclue a exhibição assim:

«Não haverá quem traduza dignamente para a lingua de Victor Hugo esta consagração suprema?»

Haverá, haverá, paspalhissimo escrevinhador!

Haverá, para vergonha d'esta terra que tem poetas como Camões, e prosadores como Bernardes e Vieira!

Haverá, para mostrar á França que n'esta terra ha o puro parvalhismo em litteratura.

Na redacção da nossa Revista recebeu-se ha tempos o seguinte aviso:

«Queira V. Exc.^a suspender a remessa de seu esclarecido jornal para o *Consultor do Clero*, porque esta *Revista* terminou a sua publicação.

Braga, 25 de maio de 1885.

A *Empreza*.»

Sentimos esta noticia e nem a damos aos nossos leitores porque não gostamos de dar noticias tristes.

Agora no *Commercio do Porto* e n'uma correspondencia de Braga, lia-se:

«Não tornará a publicar-se com o mesmo titulo de *Consultor do Clero*, porque o snr. dr. Albuquerque não está resolvido a aguentar só com todo o peso da redacção sem ter um Cyrineu que o ajude; mas vai brevemente fundir-se com a *Voz do Christão*, de que é e continuará sendo director o nosso amigo o collega Arthur Eduardo d'Almeida Brandão, illustrado capellão de caçadores 9, d'essa cidade.»

E acrescentava a mesma correspondencia:

«E sendo assim, esta interessante publicação mensal (*A Voz do Christão*) começará a ser enviada a todos os assignantes, que o eram do *Consultor do Clero*, e isto terá lugar nos principios do mez de julho.»

E a *Palavra* transcrevendo do *Commercio do Porto* a grata noticia, termina assim:

«Os nossos parabens á *Voz do Christão* pela excellente aquisição que fez.

Egualmente os damos aos seus leitores.»

Nós pela nossa parte não damos parabens a ninguém; sentimentos daríamos se para isso estiveramos dispostos. O que fazemos, e isso para descargo de nossas consciencias, é prevenir os leitores do *Progresso Catholico* e do *Consultor do Clero*.

Um leitor de Gazetas.

SECÇÃO LITTERARIA

GRACIA

OU

A CHRISTÃ DO JAPÃO

CAPITULO XII

(Continuado do n.º antecedente)

As primeiras lagrimas

NÃO dissemos bem, houve quem notou e percebeu a entrada de Mirka, porque lá d'uma janella estava espiando todos os movimentos da menina Gracia, que em quanto que aquella esteve ausente, não pôde nem um instante só socegar.

«Fui eu que a incitei, dizia, fui eu que despertei sua curiosidade, fui eu que a auctorisei a fazer esta loucura, e se alguma contrariedade occorrer, dentro ou fóra de casa, só eu sou a culpada. E Gracia, que amava Mirka como filha queixava-se de sua fraqueza e de suas duvidas philosophicas e das amarguras de sua alma, que eram a verdadeira e unica causa do perigo que corria a joven. E logo pensava tambem que esta espontaneamente se tinha offerecido para sahir e que por tanto era tão culpada de imprudencia como ella; mas voltavam logo a assaltal-a uns como remorsos por havel-a deixado sahir, pois que sendo tão obediente Mirka, nunca o haveria feito nem realisado, se ella decidida e terminantemente o prohibisse. Para obstar a tudo isto tomou a princeza a firme resolução de não tornar a deixal-a ir á egreja, e uma vez feito este proposito, tranquillizou-se um pouco e esperou com menos impaciencia.

Começou então a reflectir sobre o effeito, que os christãos causariam a Mirka e attento o character alegre e jovial d'esta, pensou que voltaria escarrecendo d'elles e tendo-os como gente em demazia grave e seria, para não dizer fastidiosa. «De certo, dizia, virá aborrecida, apesar do ardente desejo que tinha de conhecê-los, pois exgotar-se-lhe-hia a paciencia de ouvir fallar uma hora seguida de questões elevadas.» Apesar d'estes raciocínios, sentia

certa inquietação relativamente a este assumpto e uma desconfiança grande do resultado; mas ainda assim estava muito longe de imaginar o occorrido.

Calcule-se, pois, qual seria seu assombro, quando Mirka appareceu no quarto da princeza, e lançando-se em seus braços, exclamou entre soluços e lagrimas:

—Sou christã! sou christã!

Nem um raio que calhesse aos pés de Gracia ter-lhe-hia causado tanto espanto como esta declaração. Recuou dous passos ao ouvir-a, fitou os olhos em Mirka, e como se não desse crédito a seus ouvidos murmurou:

—Isso é impossível!

—Não é impossível, não; sou christã, e sei-o-hei ainda que o mundo todo se opponha.

Tão terminante afirmação e resolução tão firme assombraram a princeza ainda muito mais, que as palavras que anteriormente tinha ouvido. Então fitou attentamente Mirka e observou em sua phisionomia uma transformação não menor que a que em suas palavras notava.

Viu a joven pallida, lacrimosa, agitada e como procurando alguma coisa, que alli não encontrava, e notou que seus olhos se cravavam com estranha fixidez no chão, e que revelavam uma tristeza, que não era de costume apresentar.

Foi então, que a princeza se deu da sua condescendencia e se arrependeu de ter deixado sahir Mirka, porque, recordando-se d'uma phrase que tinha ouvido a Jecundono, pensou que os christãos a haviam enfeitado com sortilegios. Rápida e veloz como o pensamento correu ao seu toucador, pegou n'uma bolsinha de seda, que continha supersticiosos amuletos, muito em voga no Japão, e foi pendural-a ao pescoço de Mirka, que a repelliu docemente e lhe disse advinhando-o o seu pensar:

—Não, não me tem enfeitado os christãos; tranquilliza-te, não me sinto mal, antes ao contrario sou feliz, tão feliz, que se tu podessees comprehendel-o, envejar-me-hias.

Então essas lagrimas, essa agitação, essa especie de susto, que em ti noto, que significam?

—Significam, que excede muito as minhas forças a felicidade, que ora sinto: que acabo de nascer para uma nova vida e que não costumada a tanta dita, estou como um cego, que visse de repente o sol. Significam, que do meu coração está brotando um caudaloso rio de grandes sentimentos, que affluem de todas as partes, e que é insufficiente a lingua para expressar o que se passa e sinto em minha alma. Por isso choro, por isso tremo, por isso me vez agita-

da: mas erê, que tudo o que sinto é amor e alegria e doçura e suavidade.

Gracia passava de um assombro a outro assombro: julgou a principio que Mirka estava abatida; mas ao ouvir-a agora fallar com tanta energia, com tanto fogo e enthusiasmo, e ao escutar o timbre e inflexão particular que dava a cada uma de suas palavras, não pôde deixar de consideral-a como inspirada e sentiu para com ella um vago e instinctivo respeito.

Depois d'uma breve pausa agarrou Mirka as mãos de Gracia e estreitando-as com effusão lhe disse:

—E' preciso que venhas comigo, que te faças christã, que experimentes a mesma felicidade que eu sinto, e que sintas a mesma dita, que me inunda: é preciso, que faças christão teu marido e teus filhos e teus creados e nossos visinhos e todo o mundo, porque Christo e Sua Mãe, Santa Maria, nos amam a todos como não merecemos ser amados.

Que razão não tinhas tu ao pensar, que os christãos sabiam mais que nós bonzos! Quanto te agradeço o haveres excitado em mim o desejo de conhecê-los, e o haveres-me posto no caminho da felicidade!

Justo é pois, que agora eu te ajude a sahir de tuas duvidas e te dê a conhecer a luz, que esclarece minha existencia.

A princeza estava confundidissima ao ouvir a joven. Nem sabia que responder-lhe nem sabia que fazer. Sentia-se como envergonhada ante a fé, que esta demonstrava, e nem sequer se atrevia a pôr em duvida a doutrina de que lhe fallava. Mirka havia ganho tal ascendencia e preponderancia sobre ella, que, em vez de responder-lhe como d'antes, que as questões philosophicas não estavam no seu alcance, nem ainda se atrevia a indicar-lhe coisa alguma acerca do assumpto, de tal modo acreditava, que fallar-lhe d'elle seria n'aquelle momento ferir-lhe nos seus mais profundos e radicados sentimentos. Todavia, interiormente não se explicava esta transformação tão rapida e ardia em desejos de averiguar como se havia realisado. Não necessitou esforçar-se muito, porque a primeira indicação contou Mirka tudo o que lhe tinha acontecido desde que entrou até que sahiu da igreja.

Mirka relatou tudo com uma viveza de cores, um enthusiasmo e uma eloquencia admiraveis, como se n'este successo somente se encerrasse o maior e o mais extraordinario acontecimento de sua vida: suas palavras, porém, longe de captivar Gracia, fizeram-lhe recobrar a fria razão que tanto a distinguia e que tantos desgostos lhe causava. Recordou-se, que era philosopha: pretendeu inquirir a causa da transformação de Mirka: pensou que devia ser uma serie de

raciocinios logicos, mas quando em lugar d'elles se encontrou só por só com uma simples vista de uma imagem de madeira, com as palavras d'uma oração para ella vãs de sentido e com o amor d'um ser ideal, ao qual deviam corresponder todos os mortaes, sentiu seu orgulho ferido e levantando-se colerica da cadeira, em que estava assentada, exclamou:

—Basta de necedades: quasi que meias feito acreditar, que se tratava d'alguma cousa séria; mas vejo que me hei enganado. Vai dormir que é do que tu precisas e não tornes a fallar-me dos christãos, pois só a nescios como tu podem attrahir suas crenças.

A princeza indicou com um gesto imperioso a Mirka, que obedecesse, e como esta conhecia de sobra seus arrebatamentos de colera, apressou-se a sahir, bem que com a alma attribulada.

Pela primeira vez sentiu a joven uma dor terrivel em sua alma: a de que houvesse quem chamasse necedades ao que a inundava de felicidade e venturas. Fechou-se no seu quarto, tirou uma cruz e uma medalha da Virgem, que o irmão Vicente lhe havia dado e começou a chorar. Com estas lagrimas pagava Mirka sua apprendizagem de christã; e sem saber-o, começava o caminho da cruz e a imitação d'Aquella Santissima Virgem, cujos louvores tinha escutado. Ella certamente lhe concedeu, depois de ter orado um pouco, tranquillidade e resignação para soffrer com paciencia, esta primeira dor, que sua fé lhe causava porque Mirka não tardou em adormecer, murmurando as dulcissimas palavras, que tanto effeito lhe haviam produzido tres horas antes: «Santa Maria, Mãe de Deus, roga por nós!»

(Continua).

Versão do P.^o Lima.

SECÇÃO ILLUSTRADA

A cathedral de Piza

Piza é uma cidade de Italia a mais importante em eras passadas e hoje com uma população de 50 mil habitantes.

Não é nosso intento descrever a cidade que tem monumentos dignos, mas somente fallar da cathedral, vasto edificio todo de marmore branco, com ornatos da mesma pedra com varias cores, sendo a parte mais notavel da fachada principal, principiando o plano inferior por uma ornamentação de columnas e ar-

cos, seguindo-se-lhe quatro varandórios que vão diminuindo gradualmente á maneira que se alongam do centro.

E' edificação antiquíssima, pois que remonta aos annos de 1067 e 1103, e foram seus architectos *Basketus* e *Reinaldos*, e foi sagrada em 1118 pelo Papa Gelasio II.

As portas são ricas em relevos, nos quaes se admiram varios passos da Escriptura Sagrada. No interior é imponente, e de um comprimento de 312 pés por 110 de largo. E' de uma só nave com duas azas, formada por 55 columnas de estylo grego e Romano, tendo ao centro uma formosa cupula clyptica. O tecto é ornado com ricas medallhas douradas e por toda a parte ha esplendidos quadros de mosaico, e o altar do Santissimo Sacramento tem adornos de prata riquissimos.

O coro é de uma magestade formosa, rico em obra de talha, e assim toda a capella mór, onde abundam os marmores mais custosos e os lapislazuli de mais raridade. A cadeira episcopal é uma riqueza e os quadros, devidos ao pincel de André del Sarto são obras de apurimado gosto.

E' admiravel a Torre Inclinada, que se eleva em oito andares differentes, rodados de columnas e meins columnas.

Foi construida por Bonannus e Guilherme de Imosbruck, em 1174. E' de uma altura pasmosa para que se sobe por uma escada de 205 degraus. Não está provado se a inclinação foi obra dos architectos, se proveniente de algum movimento do terreno depois da construcção. O que é certo é ella estar tombada um pouco e sem que isso amedronte os que a ella sobem.

A nossa gravura dá plena ideia d'esse grandioso edificio, que deixa eclipsadas todas as grandes obras modernamente construidas.

R.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

PELO correio dos Açores recebemos um livro que estimamos por mais que um motivo: pela sua importancia e pela alta honra da offerta, que o illustrado e

virtuoso auctor se dignou fazer-nos.

O CULTO CATHOLICO COM SOLEMNIDADE SEM MINISTROS SAGRADOS, tal é o titulo do precioso trabalho, devido aos cuidados e aturado estudo do sabio Prelado que dirige a importante Diocese Açoriana, o Exc.^{ma} e Rev.^{ma} Snr. D. João Maria Pereira de Amaral e Pimentel. Trabalho de tanta utilidade para o clero, que nos parece destinado a preencher uma lacuna das mais salientes na bibliotheca do parochio.

Divide-se a obra em tres partes, nas quaes trata o esclarecido autor, com a magistral sabedoria que o distingue, as seguintes materias: actos do culto em geral—d'algumas festas em particular, sendo a terceira parte um compendio de orações, praticas, devoções, etc. etc. podendo ser substituído por este livro o *Ritual* adoptado, pois que, simplificando-o em partes estabelecidas, que muito serviriam para guio dos sacerdotes não só, mas ainda dos simples licenciados.

O serviço que S. Exc.^a Rev.^{ma} prestou ao clero com este livro a todos os respeito notavel, não o diremos nós; proclamel-o-ha todo o clero que d'elle haja conhecimento. Bem haja por isso o Venerandó Prelado, que não desperdiça as poucas horas, que lhe deixam vagas o governo da vasta Diocese, e o cuidado paternal com que attende ao bem do rebanho que lhe está confiado. Se outros trabalhos não tivesse já S. Exc.^a Rev.^{ma} isto seria bastante para o elevar onde se tem erguido os mais incansaveis trabalhadores no campo da litteratura religiosa do nosso paiz.

E é por isto, desenganemo-nos, por S. Ex.^a R.^{ma} não ser uma vulgaridade, que a Revolução, e esses filhos que a patria assassina e odeiam, lhe dirigem insultos!

Os nossos agradecimentos a S. Exc.^a Rev.^{ma}

*** Temos tambem um bom dictionario que annunciar aos leitores—DIARIO E EXERCICIOS DO CHRISTÃO, que contem as maximas e regras para saber-se dirigir com acerto em todos os estados da vida, e as orações necessarias para as festividades dos santos tutelares, para a confissão e communhão, e para o santo sacrificio da Missa. Já veem os leitores que nada falta a este livrinho para merecer as sympathias das pessoas devotas, nem mesmo lhe falta a approvação da auctoridade ecclesiastica, e nem a modicidade do preço, pois custa encadernado 200 rs.

E' seu edictor o snr. Joaquim Maria da Costa, largo dos Lloyos 50, Porto, e vende-se tambem na administração do *Progresso Catholico*.

*** E' EGO FRANCISCANO. Recebemos o n.º 12 d'esta interessante publicação que se anda fazendo em S. Thiago (Galiza) e muito folgamos com a sua leitura, recomendando-a a todos que se dizem terceiros franciscanos.

*** Publicou-se o fasciculo 225 e 226 do Dictionario de Geographia Universal, editado pela casa Corazzi, de Lisboa. E' obra curiosa, de muito trabalho e valioso auxiliar para os estudiosos, como por vezes temos dito. Chega já a palavra *Trans*.

*** Da casa editora Clavel & C.^a, hoje Lopes & C.^a, recebemos dois livros de que nos podemos occupar annunciando-os unicamente. ELEMENTOS DE DIREITO PUBLICO E ADMINISTRATIVO PORTUGUEZ, se intitula um, e O LIVRO DOS VERBOS, se denomina o segundo. Destina-se o primeiro ás escolas populares, e o segundo, deve necessariamente ser para escolas mais altas, pois que é redigido conforme o programma official para a 7.ª cadeira dos lyceus. E' auctor d'este Antonio Ribeiro da Costa e Almeida. Custa o 1.º 80 rs., e o segundo 600 reis.

*** Tradusido do italiano temos sobre a banca um pequeno folheto, que desejamos ver bem espalhado, e que se intitula A MAÇONARIA, O QUE É, O QUE FAZ E O QUE QUER. Custa 120 reis e vende-se em todas as livrarias. Bem tratada tem sido esta questão, (1) mas não é de mais tudo quanto se disser de scita tão prejudicial á sociedade.

Alberto dos Guimarães.

SECÇÃO NECROLOGICA



Mais um assignante do *Progresso Catholico* deixou a vida presente. O Rev.^{ma} P.^a João da Silva Azevedo, que fôra dignissimo Vigario da Igreja Nova, no concelho de Ferreira do Zêzere, trocou a vida de sacrificios que deve ser a vida do padre

(1) V. «Maçonaria de mascarada» etc. edição vi-maranense. 1 vol. 300 reis.

catholico, pela paz e felicidade eterna.

Que o Senhor recompense com a luz da divina graça o bem que derramou na terra, o ministro do altar, e que elle rogue ao mesmo Senhor nosso pelos que ainda ficam áquem do tomulc e o que pedimos em nossas orações, e aos leitores do *Progresso Catholico*, imploramos uma prece pela alma do nosso irmão, em harmonia com a feliz ideia do nosso amigo e assignante, apresentada no passado n.º

De joelhos, pois.

RETROSPECTO DA QUINZENA

TIVEMOS o prazer de abraçar o nosso dedicado amigo e mimosissimo poeta portuense, o Exc.^{mo} Snr. A. Moreira Bello, que tantos serviços tem prestado ao «Progresso Catholico», e que não tinhamos a honra de conhecer pessoalmente.

Acompanhava-o o editor catholico do Porto, o Snr. Manuel Malheiro, que tambem não conheciamos pessoalmente.

Outro abraço que ha muito nos estava promettido, recebemol-o do nosso amigo e dedicadissimo correspondente do «Progresso Catholico» na Covilhã, o Revd.^{mo} Snr. Padre José da Costa e Oliveira Pinto, a que este centro de propaganda deve relevantissimos serviços. Tambem o não conheciamos pessoalmente, e foi a primeira vez que veio a Guimarães.

Por ultimo tivemos a visita do nosso solícito correspondente em Barcellos, o Revd.^{mo} Snr. Padre Emilio Augusto da Esperança Machado, a quem é devido o grande numero de assignantes que o «Progresso Catholico» tem por todas as ribeiras do Cavado.

Já veem nossos leitores que a passada quinzena foi fertil em visitas, e em visitas das pessoas mais dedicadas pelos progressos do *Centro de Propaganda Catholica em Portugal*.

A nossa alegria ao estreitar peitos onde se abrigam tão nobres virtudes não a podemos aqui demonstrar, mas o reconhecimento de nossa alma será eterno para com tão prestantes cavalheiros, para com tão decididos catholicos.

Foi imponente a festa da Santa Infancia na freguezia de Ronfe, d'este concelho, promovida pelo incansavel apostolo do christianismo o Revd.^{mo} Snr. Padre Antonio Torrinha.

O dia escolhido foi o 14 do corrente, tendo havido na sexta-feira anterior, dia do Sagrado Coração de Je-

sus uma numerosa communhão de meninos.

Dizem-nos que a festa esteve esplendida tanto na decoração do templo, como na missa, sermão, etc.

O sermão foi feito pelo nosso bom amigo o Revd.^{mo} Snr. Padre Antonio Correia dos Reis, eloquente missionario, e que durante annos fora Deão da Sé de Goa.

As creanças appareceram muito bem vestidas e bem se mostraram na representação que fizeram.

Folgamos em registrar estas festas innocentes da infancia, que quizeramos ver em todas as terras.

Os nossos parabens ao Snr. Padre Torrinha, que terá do ceu a recompensa dos seus trabalhos apostolicos.

Com a pompa do costume foram feitas as festas do Santissimo Sacramento na Collegiada e em S. Paio, com excellentes musica e sermões por prégadores escolhidos. Na primeira prégaram os Revd.^{os} Padre Abilio e Dr. Prophirio, e na segunda os Revd.^{os} Padre Domingos Ribeiro Dias e digno Parocho da freguezia, que se houveram, como sempre, admiravelmente.

A de Santo Antonio em S. Francisco foi este anno feita com desusada imponencia, cantando-se uma missa, propriedade da irmandade, que é a melhor que temos ouvido, pelo que damos os parabens ao nosso amigo o Snr. Lucinni Fernandes da Trindade, regente e director da orchestra.

Para o sermão foi convidado um terceiranista de Theologia da nossa Universidade, que nos dizem fizera um formoso discurso, o qual não podêmos ouvir.

Depois sahiu com aparato em procissão a imagem do santo popular acompanhada por milhares de pessoas.

Já veem os das passeatas civicas que o culto catholico se está cada vez desenvolvendo mais, e que o *fanatismo* do nosso povo o não leva senão para junto dos altares e para acompanhar as procissões prescriptas no ritual romano.

Louvores a quem promove taes cultos.

Está muito bem em Roma o Santo Padre, o Vigario de Jesus Christo, ou o não apregoassem os amigos da Revolução, os gazeteiros chafarriqueiros.

A seguinte noticia que nos dá um jornal que não fica por clerical dá a medida da liberdade que gosa a Igreja.

Leia-se:

«No dia 2 do mez actual varias sociedades radicaes, em motivo do anniversario da morte de Garibaldi, organisaram um prestito ao Capitolio, ligurando á frente do cortejo membros da Associação de livres pensadores.

Quando o prestito se approximou do Capitolio, ouviram-se os gritos de «Morra o coronel austriaco! morra o Papa!» A policia teve de intervir, apoderando se d'algumas bandeiras vermelhas.

No Capitolio os garibaldinos depozeram corôas no busto do general e os oradores pronunciaram discursos censurando a conducta da policia. Os agentes d'esta intimaram então os manifestantes a dispersarem e, como elles resistissem, tiveram de pedir auxilio ás tropas para conseguir evacuar a praça. Fizeram-se algumas capturas, entre ellas a d'um orador que discursava contra sua santidade; porém, todas as pessoas presas foram postas em liberdade no dia seguinte.

A noite, na praça Colonna, succederam alguns tumultos, a que a policia pôz facilmente cobro: apprehenderam-se diversas bandeiras, em que se lia a inscripção: «Nem Deus, nem rei, nem padres.»

Querem melhores provas? O que vale, para linitivar nossos corações é termos a certeza de que, quando a imagem de Jesus for apeada dos altares, quando os padres foram a cada falso, a cabeça do rei de Italia já terá cahido no tablado do patibulo.

Será a primeira victima, porque Deus não dorme.

Tambem por terras portuguezas vae havendo radicaes, como se prova com as noticias da miseravel comedia posta em scena nas ruas do Porto, como a seguinte que achamos n'um collega de Coimbra, a «Ordem»:

«Em Paris os mações e os livres-pensadores descobriram-se *respeitosamente* deante do cadaver de Victor Hugo. E foi talvez por esta razão que aqui em Coimbra, uns certos *espíritos fortes* permaneceram cobertos enquanto passava, na procissão de *Corpus Christi*, o Rei da Gloria no adoravel Sacramento do altar! A esta grosseria para não fallar já em impiedade chama se *liberdade de consciencia!*»

Aqui em Guimarães, ou em qualquer terra do Minho o povo chamar-lhe hia *pedreiros livres*, e de certo as cabeças dos *espíritos fortes* não ficariam, por muito tempo, em estado de cobrir chapéus.

Mande-os para cá collega!

Depois de escripta a noticia que ali fica, presenciámos um facto que, se o nosso collega de Coimbra a presenciara tambem, havia de rir se da nossa fanfarra; mas ria-se por se dar o caso que vamos narrar alguns metros distantes do sitio onde estacionavam

milliares de pessoas, que se fosse no largo de S. Francisco o janota passava mal.

Narremos, pois, o facto:

Domingo 14 do corrente, quando se organisava a procissão de Santo Antonio, sabia da egreja de S. Damaso, para se encorporar na mesma procissão, a irmandade do Cordão e Chagas, com a sua cruz alçada, na qual ia a imagem de Jesus.

Ao mesmo tempo que a dita corporação apparecia na rua chegava do lado opposto o mestre-escola do instituto escolar da Sociedade Martins Sarmento, com o seu chapéu pregado certamente, na cabeça, pois que todo o tempo que andou em frente da cruz e mesmo ao passar junto d'ella, não o pode tirar.

Não queremos ver n'isto um proposito de offender a religião do Estado, antes julgamos ser excesso de janotismo; mas, seja o que for, não fica bem a cidadão de mediana instrução, e muito menos a um homem, a quem está confiada a educação das creanças. E' já um mal gravissimo um mestre não ter noções de civilidade; mas é mais grave ainda não saber a doutrina christã—duas cousas que tem de ensinar aos seus discipulos.

Eu estava á janella e, como eu, mais pessoas presenciaram o facto, e todos se haviam de indignar com o proceder d'um mestre, que pertence a um instituto á testa do qual se acham as pessoas mais gradas de Guimarães a nenhuma das quaes, podemos affirmar o, julgamos capaz de praticar uma irreverencia. Por isso mesmo, o insulto do mestre escola á cruz, vae ferir tambem o instituto escolar da Sociedade Martins Sarmento.

Estão de lucto dois venerandos Prelados da Egreja portugueza.

S. Em.^a o Snr. Cardeal Bispo do Porto, pelo fallecimento de um irmão na cidade de Lisboa, e o Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Bispo de Lamego pelo fallecimento d'uma irmã, em Rezende.

A redacção do *Progresso Catholico* associando-se á dor que ora punge os corações dos dois Principes da Santa Egreja, envia-lhes as expressões de seu pesar.

Ao nosso presadissimo collega da India Inglesa, *A India Catholica*, agradecemos a transcripção do artigo do *Progresso Catholico* acerca do Rev.^{mo} Padre Beckx.

Ainda que n'outro lugar se falla de Lourdes, não podemos resistir á tentação de aqui fallar tambem d'esse lugar venerando, onde se tem realisado os

factos que mais tem assombrado a sciencia e a incredulidade do nosso século.

No dia 25 de março, viam-se na crypta de Lourdes duas meninas, fazendo sua primeira communhão. Eram irmãs: a uma nascera-lhe no pescoço uma excrescencia carnosa, que lhe descia até o peito, á qual a medicina não sabia dar remedio. A pequenina lavára a deformidade com agua da fonte miraculosa, e em pouco tempo viu-se completamente curada. A outra, coitadinha! para que alguma coisa podesse ouvir era mister gritar-lhe com voz de trovão. Foi lavar-se tambem, e desde aquelle momento ficou a ouvir maravilhosamente.

Os dois factos seguintes passam-se no Wurttemberg, onde a devoção a N. Senhora de Lourdes se tem diffundido por todas as provincias, por todas as familias. Deu-se o primeiro em 1881, n'um hospital confiado aos disvellos das Irmãs de Caridade.

Era uma pobre aldeã mãe de 8 filhinhos. Tinha o systema nervoso totalmente desordenado, a paralyisia prôtes a dominava, o uso da falla perdido, e frequentemente torturada por convulsões horribes. Os medicos haviam dado de mão á desventurada enferma, e as solitudes das Irmãs tornavam-se improficuas. A par da enfermaria havia uma gruta que a piedade das Irmãs tinha construido. N'ella estava a medicina que as pharmacias do mundo não conheciam. A infeliz dá a perceber desejo de que a transportem á gruta. Chegada que foi alli ergue os olhos para aquella formosa Imagem, que, maravilhada, contempla pela primeira vez, e a alma arrebatada por mysteriosas commoções perde-se-lhe nas espheras do invisivel. Pelos descarnados dedos passa lentamente as contas do rosario. Uma força extraordinaria percorre então os membros da enferma. . . ella ajoelha, prosegue a oração em voz alta, levanta-se de repente, e vai por toda a parte apregoar as glorias de Maria, celebrando o dom de que a Virgem a enriquecera.

Ocorreu o segundo facto a tres leguas de Gmünd, em uma aldeã, onde havia tambem uma gruta, fac-simile da de Lourdes. Uma joven de 10 annos tão grave debilidade soffria nas pernas e nos pés, que não dava passo sem valer-se d'uma bengala.

Exgotados os recursos da sciencia, só na Virgem punha sua esperanza, e dizia muitas vezes a seus paes: «Levem-me á gruta, e eu virci de lá curada». O pae accedeu em fim a tão vehemente pedir: chegada a joven deante da Imagem de Maria, exclama: «O' terna Mãe do meu Deus, vinde em meu auxilio!» e

de repente sente um leve estalido a percorrer-lhe os ossos, lança de si o bordão a que se arrimava, e principia a andar com a agilidade propria d'aquella venturosa idade.

A pseudo-sciencia não admitta estes phenomenos. Mas porque será que ella, que quer dizer em tudo, ainda nada disse á obra de mr. A. Artus—Os medicos e os milagres de Lourdes?

O Relatorio do Apostolado da Oração e Liga do Coração de Jesus, com que fomos mimoseados, mostra-nos que ainda em peitos portuguezes arde a luz da fé, tão viva, tão pura, como a que animou e guiou nossos maiores. A mais vasta associação de que ha memoria, toda ella espiritual, toda visando ao bem das almas pela oração e praticas de piedade, tem sido abençoada pelos Summos Pontifices e em Portugal por todos os Prelados.

O Relatorio que acabamos de consultar corresponde ao anno de 1883-84, e dá-nos um numero de associados que faz pasmar—653:514! mais que no anno anterior 89:238! Espalhada por todo o paiz, como o está por todo o mundo, consola ver o fervor com que tantas almas se dedicam a honrar o Sagrado Coração de Jesus, promovendo tudo quanto pôde servir ás almas, tudo que pôde dar vida ao espirito.

Muito agradecemos a offerta e pedimos ao Senhor a prosperidade de tão pia associação.

Temos presente o Relatorio e contas da Conferencia de Nossa Senhora do Rosario—Sociedade de S. Vicente de Paulo, em Penafiel, respeitante ao anno de 1884, folgando de ver que ella tivera um rendimento de 606\$480 rs.

Quando as sociedades como esta, tem por fim o bem dos pobresinhos, todos as devemos louvar, e é isso o que fazemos, não nos esquecendo de dar os parabens ao caritativo titular o Exc.^{mo} Snr. Barão do Calvario.

Deus anime cada dia mais estas santas instituições.

J. de Freitas.